



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

MARIA ANA FERREIRA

“A FÉ NÃO COSTUMA FALHAR”:

Proposta de criação do Ecomuseu da Lapa em Antônio Pereira,
Ouro Preto

OURO PRETO

2023

Maria Ana Ferreira

“A FÉ NÃO COSTUMA FALHAR”:

Proposta de criação do Ecomuseu da Lapa em Antônio Pereira,
Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de
Museologia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Márcia Maria
Arcuri Suñer

Linha de Pesquisa: Museologia e
Processos Museais Aplicados

OURO PRETO

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Ana Ferreira

A FÉ NÃO COSTUMA FALHAR:

Proposta de criação do Ecomuseu da Lapa em Antônio Pereira em Antônio Pereira, Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em 02 de outubro de 2024.

Membros da banca

Profa. Dra Marcia Maria Arcuri Suñer - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Marcelo Fagundes (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)
Profa. Dra. Fernanda Alves de Brito Bueno (Universidade Federal de Ouro Preto)

Marcia Maria Arcuri Suñer, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/10/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Maria Arcuri Suner**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/02/2024, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0669866** e o código CRC **D5CE6A8C**.

AGRADECIMENTOS

Esta história de amor surgiu ainda quando criança eu olhava para o céu estrelado da noite que antecedia o seu glorioso dia, e na minha inocência, imaginava as nuvens se repartindo e a divina imagem de Nossa Senhora da Conceição resplandecendo. Mas ela se intensificou quando as coincidências transcenderam e pareciam chamados espirituais.

Sua força e determinação me remetem a duas mulheres de fibra e garra que debaixo dos seus pés, sob sua proteção, criaram suas famílias com valores preciosos e atualmente raros. Humildade e respeito, mas acima de tudo, amor e muita, muita fé. A vocês, minhas avós Oneida Queiroz Pereira e Maria de Carvalho Ferreira (*in memoriam*) a minha eterna gratidão. Vocês são meu espelho e inspiração para ser uma pessoa melhor a cada dia!

Aos meus familiares em geral, gratidão por todo o apoio no percorrer desta caminhada. Mas especialmente aos meus pais, Rita de Cássia Pereira e Ferreira e Sandro Eduardo Ferreira, minha gratidão por sempre reforçarem o quão capaz sou de alcançar meus sonhos mesmo tão jovem. Eu não seria nada sem o suporte e cuidado de vocês.

Aos meus amigos, grata a todos que direta ou indiretamente me incentivaram, em especial a Lunara Cristina, Arianne Campos, Kalila Assis, Pedro Mayworm, pelo tempo e esforço dedicados a mim (alguns mesmo que de longe) para que este trabalho fosse concluído. Vocês foram fundamentais para que eu segurasse a carga psicológica e não desistisse no durante o processo.

A equipe do Museu do Oratório, gratidão por todo companheirismo, suporte e flexibilidade durante o processo. Vocês fazem parte disso, vocês tornaram a carga mais leve.

Aos colegas que conheci durante a graduação, gratidão pelas vivências pois todas elas, nos seus mais pequenos detalhes, me fizeram crescer.

Ao corpo docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, gratidão por tanta troca de conhecimento, por tamanha dedicação e entrega ao melhor desenvolvimento do nosso curso.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a. Márcia Maria Arcuri Suñer, gratidão por confiar no meu potencial, pelas trocas sempre tão ricas, pelas oportunidades em meio acadêmico que transformaram minha visão de mundo.

Gratidão a mim, que ingressei na faculdade federal com apenas 18 anos, vinda do ensino público. Pela coragem que tive de encarar meus medos para ir atrás de um sonho, pela força que sempre tive, por acreditar que conseguiria mesmo em meio as dificuldades.

Por último e não menos importante, gratidão eterna a Deus.

RESUMO

Contemplando a extensão da mundialmente conhecida cidade de Ouro Preto, Minas Gerais está o distrito de Antônio Pereira. Sua trajetória de uso e ocupação se inicia logo após a origem de Vila Rica, já em meados de 1700/1701 e está diretamente associada a descoberta de ouro nesta região. Mas foi por volta do ano de 1722 que o distrito passou a carregar um reconhecimento especial devido aos relatos de aparição de uma santa em uma gruta em meio a mata fechada, hoje conhecida como Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Os mais de 300 anos de história de devoção passam a ser objeto de pesquisa visto a importância de se conservar esta tradição, tanto no âmbito material quanto imaterial, que nesta monografia serão trabalhados por meio da musealização dentro da Ecomuseologia e o resgate à memória dentro desta comunidade, visando a valorização e desenvolvimento do distrito.

Palavras-chave: Ecomuseus, Memória, Patrimônio Cultural, Santuário de Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira

ABSTRACT

Contemplating the extension of the world-renowned city of Ouro Preto, Minas Gerais is the district of Antônio Pereira. Its trajectory of use and occupation begins shortly after the origin of Vila Rica, already in mid-1700/1701 and is directly associated with the discovery of gold in this region. But it was around 1722 that the district began to carry special recognition due to reports of the apparition of a saint in a cave in the middle of dense forest, today known as the Sanctuary of Nossa Senhora da Lapa. The more than 300 years of history of devotion become the object of research, given the importance of preserving this tradition, both materially and immaterially, which in this monograph will be worked on through musealization within Ecomuseology and the rescue of memory within this community, aiming at valuing and developing the district.

Key words: Ecomuseums, Memories, Cultural Heritage, Sanctuary of Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mappa da Comarca de Villa Rica (1779)	12
FIGURA 2 – Devotos reunidos no salão principal da Gruta	15
FIGURA 3 – Fachada Natural da Capella de N. S. da Lapa (1862)	17
FIGURA 4 e 5 – Marcas das ações antrópicas no interior da Gruta	20
FIGURA 6 – Marcas das ações antrópicas na entrada para a Gruta	21
FIGURA 7 e 8 – Imagens do interior da Casa de Milagres	22
FIGURA 9 – Distribuição de água benta aos devotos no adro do Santuário.....	25
FIGURA 10 – Recordação pessoal	26
FIGURA 11 e 12 – Caminhada dos moradores em manifestação	28
FIGURA 13 – I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia (1984).....	30
FIGURA 14 – Estandartes com os nomes das associações do distrito.....	34
FIGURA 15 – Garimpeiros na entrada para a Gruta (1937).....	35

LISTA DE ABREVIATÖES

ABREMC	Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários
AMAPT	Associação Movimento Antônio Pereira para Todos
ANM	Agência Nacional de Mineração
ICOM	Conselho Internacional de Museus
MPMG	Ministério Público do Estado de Minas Gerais
OMS	Organização Mundial da Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPI	Unidade de Proteção Integral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E DEVOÇÃO.....	12
CAPÍTULO 2 – MEMÓRIAS PARA COLECIONAR.....	23
CAPÍTULO 3 – SOB UM NOVO OLHAR.....	30
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Integrando a Serra de Ouro Preto em Minas Gerais está o distrito de Antônio Pereira. A partir da exploração de terras liderada pelo bandeirante de nome Antônio Pereira Machado por volta do ano de 1700 o distrito surge, primeiramente, sob o título de Bonfim do Mato Dentro. A utilização desse local se deu principalmente pela busca e mineração de ouro. Até hoje a atividade mineradora continua sendo praticada neste local, porém visando o minério de ferro, ou seja, as atividades de mineração cercam a origem e história deste lugar e das pessoas que ali habitam ou habitaram.

Dentro da intensa dinâmica de ocupação deste lugar, houve então o despertar de diferentes usos e costumes como a devoção em santos da Igreja Católica, – o que é compreensível visto a imposição cultural sofrida por parte dos portugueses – sendo a devoção por Nossa Senhora da Lapa a mais popular no distrito. No ano de 2022 foi comemorado o aniversário de 300 anos de sua aparição em que segundo histórias contadas um grupo de crianças que caminhavam pelas redondezas encontraram a gruta e nela uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. A imagem então foi levada a então Igreja de Nossa Senhora das Mercês, porém toda vez em que se levava a imagem da santa esta “desaparecia” e era somente a encontrada na gruta, onde foi achada. Em obediência a santa foi construído um altar em sua devoção neste mesmo local e no dia 15 de agosto é celebrada a festa em sua homenagem. Como pressuposto, o templo e local de onde se originou toda esta tradição religiosa é referente a uma gruta, hoje o Santuário de Nossa Senhora da Lapa sendo cercada por uma mata que hoje é reconhecida como o Parque Natural Municipal Gruta Nossa Senhora da Lapa.

Levando em conta toda a construção histórica e social presente neste local, este trabalho busca introduzir a musealização através do conceito de Ecomuseus no território que contempla a área acima citada como uma proposta para sua preservação. Com isso, buscamos ir além do que tange o material objetivando abordar as memórias da comunidade que ocupam esse território também como forma de resistência ao esquecimento e valorização do imaterial. Ademais, é possível cogitar sobre os possíveis benefícios deste meio de musealização para o desenvolvimento socioeconômico da comunidade.

A pesquisa será dividida em capítulos com a seguinte estrutura. Primeiro capítulo: descrição, historicização e entendimento sobre este território e seus usos, sendo necessárias pesquisas bibliográficas, principalmente em fontes primárias tais como arquivos, bibliotecas tanto da cidade de Ouro Preto quanto de Mariana a fim de encontrar informações concretas que remontem a ocupação e uso deste território de forma ampla.

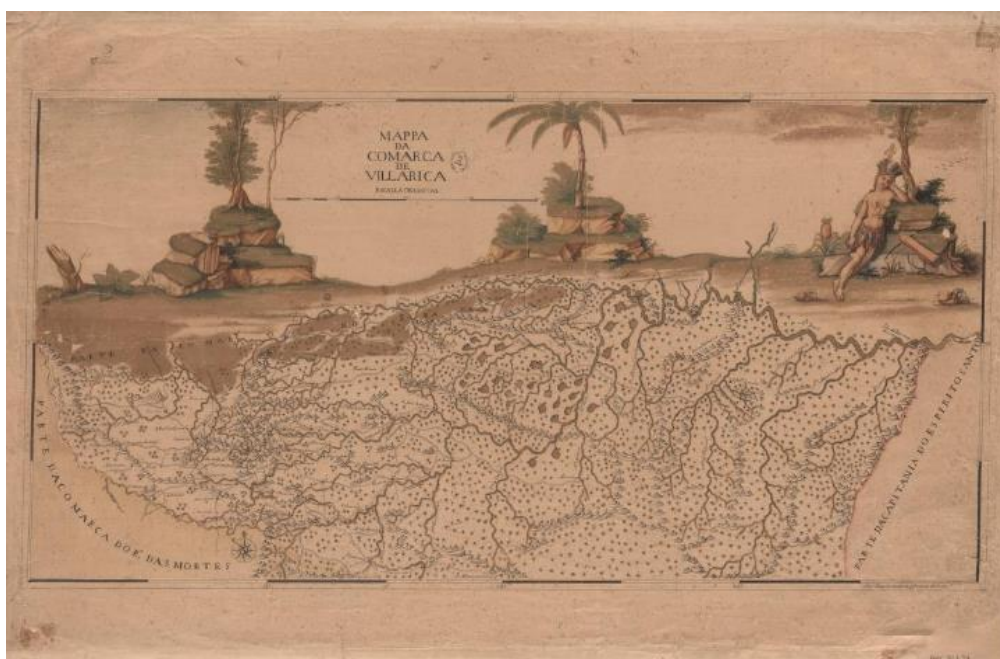
O segundo capítulo é estruturado com base nas memórias e recordações deste coletivo que envolvem a comunidade e o local. Pesquisas conceituais e bibliográficas serão feitas fundamentar os conceitos utilizados. Ainda nesse capítulo traremos os resultados do contato com a comunidade que se dará por meio de um roteiro de entrevista ou por meio de conversas – considerando possíveis situações de desconforto com qualquer tipo de abordagem parecida com uma entrevista – que serão registradas e transcritas ao longo deste tópico.

O processo de musealização entra no terceiro capítulo como uma proposta para manutenção do espaço e dos valores imateriais a ele atribuído. Neste capítulo o uso de referências conceituais e bibliográficas se fazem necessárias e também a construção de uma linha do tempo evidenciando as mudanças nas vertentes museológicas para o entendimento da Nova Museologia e seus frutos como os Ecomuseus que serão o pilar deste trabalho. Os resultados alcançados a partir da pesquisa de campo serão unidos a importância da musealização e aliadas as ações que já foram ou deveriam ter sido tomadas – visto a promessa de melhoras por parte da prefeitura do município – para enfim chegar-se à conclusão deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E DEVOÇÃO

A cidade de Ouro Preto, Minas Gerais teve suas origens logo ao final do século XVII, quando em meados de 1698 um grupo de bandeirantes guiados por Antônio Dias de Oliveira, o Padre João de Faria Fialho, pelo Coronel Tomás Lopes de Camargo e seu irmão chegaram ao notável território de ouro negro. Vila Rica, assim intitulada, teve seu processo de ocupação iniciado por divisões de pequenos arraiais marcados principalmente pela busca incessante de suas riquezas auríferas. Certificada Monumento Nacional em 1933 e tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1938, a hoje conhecida mundialmente cidade de Ouro Preto, para além da sede contempla outros doze distritos no qual um deles será o foco de pesquisa.¹

Figura 1: Mappa da Comarca de Villa Rica / Jose Joaquim da Rocha (1779).



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil²

Compondo a extensa e riquíssima serra de Ouro Preto está o distrito de Antônio Pereira. Sua origem se dá a partir da exploração de terras liderada pelo imigrante

¹ Disponível em :<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>.

² Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=62308

português de nome Antônio Pereira Machado por volta do ano de 1700 sendo intitulada primeiramente de Bonfim do Mato Dentro posteriormente tendo seu nome alterado para atual Antônio Pereira, em forma de homenagem. Segundo consta, este estaria à procura de suprimentos alimentícios devido à crise de fome que teria abarcado a região, e foi então que encontrou um senhor denominado Manuel Maciel da Cunha que possuía hospedagens próximo ao local. Com a partida deste senhor o bandeirante então teria adquirido suas terras e nelas descoberto uma enorme quantidade de ouro. O ápice dessa exploração ocorreu no século XVIII, mais especificamente no ano de 1722 ocasionando um considerável crescimento econômico na região. São relatados surgimentos de fábricas de cigarros que inclusive forneceu este determinado produto a sede, Ouro Preto - antiga Vila Rica - e a Vila do Carmo, fábrica de velas e um comércio estruturado incluindo em suas vendas mel, vendas variadas e também padaria. É importante ressaltar a relevância desta região para o desenvolvimento da sede considerando que há uma estrada que liga diretamente a sede a Antônio Pereira denominada Estrada da Purificação, localizada no hoje conhecido Morro São João que integra os bairros da serra de Ouro Preto e onde se deu as primeiras ocupações da cidade justamente para facilitar, de certa forma, o contato entre ambas. A exploração desse local se deu principalmente pela busca e mineração aurífera. Até hoje a atividade mineradora continua sendo praticada neste local, seja pelo garimpo manual, onde moradores utilizam-se de técnicas de tradição secular herdadas de seus ancestrais, assim como explorações de topázio imperial. Porém, em meados da década de 1980, grandes empresas - Samarco, Samitri e Vale - instalaram-se no distrito após a descoberta das ricas jazidas de minério de ferro que se enraizaram como principal forma de minerar na região.

A ocupação deste território se deu pela busca de melhores condições de vida ainda na temporada de riquezas auríferas e a partir desse acontecimento despertou-se outros usos e costumes como a devoção em santos da Igreja Católica, – o que é compreensível visto a imposição cultural sofrida por parte dos portugueses – sendo que já nos primeiros anos de povoação, em meados de 1703, foi construída a primeira capela em devoção a Nossa Senhora da Conceição e com isso houve a povoação no entorno no templo, reconhecida como Arraial de Baixo. Próximo ao ano de 1716 foi autorizada a construção da primeira igreja também em devoção a Nossa Senhora da Conceição, já em 1720 tornando-se matriz e em 1752 conferida ao bispado da cidade

de Mariana, Minas Gerais até que aproximadamente em 1800 houve um grande incêndio ocasionando a destruição da matriz. Após um certo tempo foi construída a capelinha em devoção a Nossa Senhora das Mercês, porém a devoção mais popular neste local se faz por Nossa Senhora da Lapa. Sua origem, segundo um dos relatos, se dá no ano de 1722 quando um grupo de crianças, acompanhadas de suas mães que estavam à procura de lenha e provavelmente filhos de garimpeiros da região, que caminhavam pelas redondezas encontraram a gruta e nela uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. A imagem então foi levada a então Igreja de Nossa Senhora das Mercês, porém toda vez em que se levava a imagem da santa, esta “desaparecia” e era somente a encontrada na gruta, onde foi achada. Em obediência a santa foi construído um altar em sua devoção neste mesmo local e no dia 15 de agosto é celebrada a festa em sua homenagem.³ A comunidade sempre espera ansiosa a chegada desta data, excepcionalmente no ano de 2022, em que depois de dois anos de pandemia⁴ e interrupção da realização da festa houve o retorno em grande proporção visto que neste mesmo ano foi comemorado o aniversário de 300 anos de sua aparição, a padroeira de Antônio Pereira.

³ Segundo consta um registro datado de 1870, a entrada para a gruta era rodeada de coqueiros. Com portal em formato curvo repleto de rosas, uma coluna de granito onde foi depositado um sino. O altar de pedras naturais e ao seu redor colunas calcáreas dando suporte ao teto. (Christina Tárzia. A Gruta. Vila Rica: O Jornal dos ouro-pretanos. Ouro Preto, 21 de setembro de 2006, nº 47.)

⁴ No início de 2020, foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a pandemia de Covid-19 causada pela contaminação do coronavírus (Sars-Cov-2). Medidas preventivas foram tomadas em diversos países para a contenção da transmissão do vírus. Apenas 3 anos após, em 2023, a OMS decretou o fim da emergência de saúde da pandemia de Covid-19. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.

Figura 2: Devotos reunidos no salão principal da Gruta de Nossa Senhora da Lapa no dia 15 de agosto, data de comemoração da Santa.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

A devoção à Virgem da Lapa no distrito remonta a antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, hoje a Igreja queimada, pois ali já havia uma irmandade em sua homenagem em 1810.⁵ Há relatos também de que por muitos anos romeiros de diversos lugares traziam suas famílias e tendas junto aos cavalos lotando o pequeno arraial que apesar das pouquíssimas casas ficavam repletas de visitantes. Os dias que acompanhavam a tão esperada festa eram regados de alegria, danças, bandas e não faltava também os fogos de artifício na alvorada anunciando finalmente a chegada do grande festejo.

Um considerável crescimento levou esta tradição a terminar devido as novas estradas e transportes que facilitaram o acesso ao hoje distrito. Um outro fato que demonstra a importância deste espaço de devoção foi a visita de Dom Pedro II ao local registrado em seu próprio diário de viagens à Província de Minas no ano de

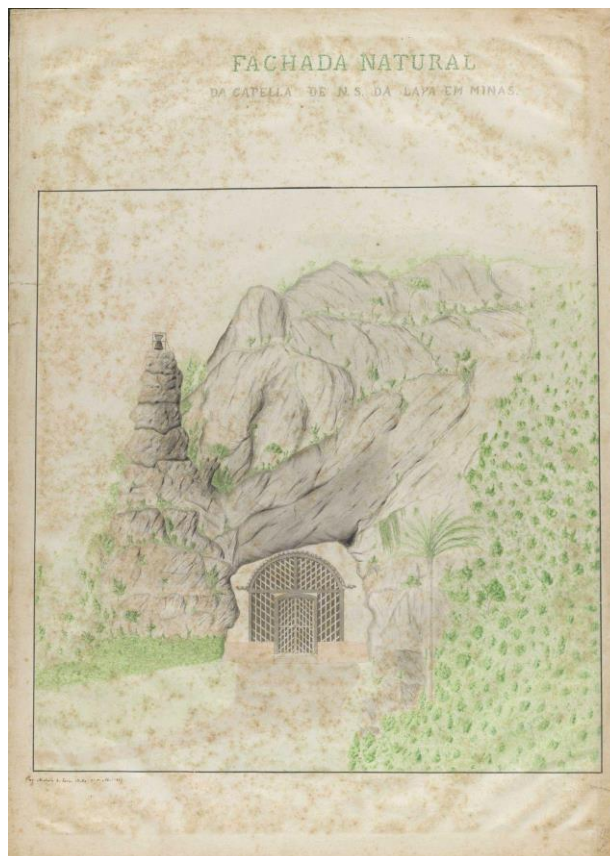
⁵ A irmandade possui como registro um livro decorado por Manoel da Costa Ataíde, conhecido na região como mestre Ataíde. Este livro ainda era adornado com aquarela, além de contar com detalhes em ouro e hoje se encontra na posse do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. (BUARQUE, p. 109, 2013).

1881. A mídia local indicou que a finalidade de sua visita era conhecer a gruta de Nossa Senhora da Lapa e as atividades de mineração de lavras. Porém a visita à gruta não foi por ele estimada, não acostumado com a simplicidade mas sim as pompas e grandiosidade da realeza.⁶

Como pressuposto, o templo e local de onde se originou toda esta tradição religiosa é referente a uma gruta, hoje o Santuário de Nossa Senhora da Lapa sendo cercado por uma mata que hoje é reconhecida como o Monumento Natural Municipal Gruta Nossa Senhora da Lapa. Fato é que a história de devoção cercou e ainda cerca o senso de identidade e pertencimento do pequeno distrito de Antônio Pereira. Para Michael Pollak (1992), a existência de lugares de memória, sejam elas individuais ou coletivas, vividas ou transmitidas, estão associadas a lembranças e recordações. Em especial, a memória herdada ou “vivida por tabela” estabelece considerável aproximação para com um sentido de identidade. A trajetória envolvendo a devoção pela Santa e o espaço que contempla o atual Santuário são marcadas por inúmeros registros documentais. O grande apreço é evidenciado logo nos primeiros anos referentes a veneração quando devotos teriam solicitado no ano de 1771 ao então rei de Portugal, Dom José I, autorização para que eremitas recolhessem esmolas pela Capitania de Minas Gerais destinados a irmandade. Mudanças no calendário de festividades religiosas na sede de Ouro Preto em virtude da festa de Nossa Senhora da Lapa evidenciam a influência de tal, mesmo sendo realizada em um distrito vizinho. Todo este processo culminou no sentimento de afetividade que ainda hoje aflora por grande parte dos moradores do distrito de Antônio Pereira.

⁶ Nas palavras de Dom Pedro II: “Não tem nada de notável. Afeíram-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais [...] Corri o que pude da lapa. Para ver os outros três salões teria de passar quase de rastos por dentro d'água”. (VIANNA, Hélio. Diário da Viagem do Imperador a Minas – 1881. Ministério da Educação e Cultura. Anuário do Museu Imperial. Volume XVIII: Petrópolis, 1957. p, 104)

Figura 3: Fachada Natural da Capella de N. S. da Lapa em Minas, por Modesto de Faria Bello, Minas Gerais : [s.n.], 21 abr. 1862, desenho: aquarela, col., 52,2 x 37,5 cm.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil⁷

Entendendo o conceito de território trazido pelo geógrafo Rogério Haesbaert, segundo Fuini (2017,) e seu caráter multidimensional, dentre estes: político-jurídico, econômico e culturalista, um território poderia ser compreendido no campo imaterial como um produtor de identidade, subjetividade e simbolismos para com um determinado lugar. E complementando este conceito, apresenta-se aqui a chamada territorialidade, que por Saquet além de ser um produto é também caracterizador de um território:

(...) compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às

⁷ Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=41261.

relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (SAQUET, p.8, 2009 *apud* FERREIRA, p. 130, 2014)

O espaço geográfico que contempla o Santuário de Nossa Senhora da Lapa - a gruta - tem a gestão compartilhada entre a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais. As questões que envolvem a sua preservação são repletas de reviravoltas. Na data de 31 de agosto de 1993 foi criado mediante a Lei nº 75/1993 o Parque Municipal Nossa Senhora da Lapa prevendo a delimitação da área sendo de responsabilidade da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Social os fins de fiscalização e conservação do mesmo (MENDES; MACHADO, 2020). Porém, revogada pela Lei nº 695/2011 a qual define a área da Gruta de Nossa Senhora da Lapa como uma Unidade de Proteção Integral (UPI) inserida na categoria de Monumento Natural Municipal. Assim foi denominado Monumento Natural Municipal Gruta Nossa Senhora da Lapa, contemplando uma área de 20,28 hectares em um perímetro de 2.116,47 metros cuja implementação e administração fica a cargo da Secretaria de Meio Ambiente, juntamente com a Arquidiocese de Mariana. Enfim, no ano de 2014, houve uma alteração desta última por meio da Lei 923/2014, para fins de objetivar a inserção da área como Unidade de Proteção Integral através dos seguintes tópicos:

- “I - Preservar a beleza cênica e ecológica da Gruta Nossa Senhora da Lapa;
- II - Proteger, integralmente a Capela de Nossa Senhora da Lapa, por seu significado como Patrimônio Religioso, Histórico e Natural para o Município de Ouro Preto;
- III - Proteger ecossistemas com grande potencial para oferecer oportunidades de visitação, aprendizagem, educação, pesquisa e atividades que assegurem a utilização desse ambiente e do seu entorno de forma sustentável" (OURO PRETO, p. 1, 2014)

Mesmo dispondo de legislação que assegure a este espaço proteção e salvaguarda, não o impede de riscos de possíveis intervenções aliadas à prática da mineração. A luta diante de grandes mineradoras se faz muito presente na região e

está diretamente associada às condições socioeconômicas da população, seja na realização ou na inexistência da promoção de empregos para os locais. A exploração mineral por todo território do distrito é uma preocupação geral. Há anos a população lida com o perigo imposto pelo risco de rompimento de uma barragem de rejeito de minério de ferro em uma região até então habitada e as prováveis trágicas consequências caso o venha acontecer. Como medida de contenção, a então barragem do Doutor está passando por um processo de descomissionamento e descaracterização da mesma sob ação do Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG), porém os problemas estão longe de acabar. Uma notícia foi veiculada por mídias da região evidenciando a proximidade de ações de servidão mineral de responsabilidade de empresas mineradoras em relação ao espaço que contempla Monumento Natural Municipal Gruta Nossa Senhora da Lapa. Dados estes, levantados a partir de pesquisas e buscas realizadas por coordenadas geográficas presentes para consulta em domínios da Agência Nacional de Mineração (ANM). A Vale mantém ações dentro do Plano de Compensação e Desenvolvimento no distrito para tentar minimizar todos os riscos impostos às comunidades, promovendo melhorias na saúde, educação, lazer e infraestrutura locais.

Quanto a sua preservação interna da gruta de Nossa Senhora da Lapa, estudos foram realizados para análise de seu estado como um bem natural. Encontrou-se muitos fatores de ações antrópicas no ambiente, tais como: pichação, associadas a uma prática de carga simbólica de possuir seu nome inscrito nestes ambientes considerados sagrados, assim como o excessivo número de velas ou ceras derretidas comuns, comuns no contexto religioso, causando a sua degradação; evidências de toque excessivo nas pedras que compõem a gruta, podendo ocasionar mudanças em sua formação e também indícios de sujidade; a massiva lotação turística, especialmente em meados das datas de festejo da santa, que contribuem para ocorrência de danos e consequências prejudiciais à cavidade, como o piso compactado devido ao pisoteamento de pessoas; além também da presença de lixo. (MENDES; MACHADO, 2020).

Figuras 4 e 5: Marcas das ações antrópicas no interior da gruta, em especial as inscrições e compactação do piso.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Presenciando as últimas edições, é possível notar a adoção de medidas que contribuem para a conservação do espaço e um exemplo muito importante foi a retirada ou proibição do ato de acender velas dentro do salão principal da gruta, o que era muito comum. Um porta-velas de grandes proporções foi instalado no exterior da gruta, no espaço que se dá o adro, para que os devotos continuem esta prática de tanto simbolismo na religião católica. Porém, nota-se a necessidade de mais unidades de porta-velas, assim como da conscientização sobre a manutenção da estrutura que a compõe, pois há comumente o hábito de acenderem velas na edificação que dá acesso a entrada da gruta evidenciados pelas marcas deixadas.

Figuras 6: Marcas das ações antrópicas na entrada para o Santuário (2023).



Fonte: Acervo pessoal, 2023

O apreço pelo espaço fez com que sempre houvesse uma preocupação quanto à manutenção do mesmo. Referindo-se a elevação do altar no interior da gruta como uma capela, há no ano de 1864 registro de uma nota veiculada no “Diário de Minas” em busca de indivíduos que arrematassem o orçamento da obra que descritivamente se daria a base de pedras, tijolos e cal. Logo em 1889, a lei nº 3.799 diz respeito a uma concessão de verba para consertos na capela de Antônio Pereira sob sanção do então presidente da província de Minas Gerais, o Dr. Visconde de Ibituruna.

Havia ainda no adro do Santuário de Nossa Senhora da Lapa, uma simples edificação que consistia na chamada “A Casa de Dos Milagres”. Ali eram apresentados fotografias, relatos e memórias juntamente expressos em “ex-votos”, onde devotos da Santa, dos mais diversos cantos do Brasil, narravam as graças e milagres alcançados pela confiança nos poderes da mesma. Há registros ainda no ano de 1887 da existência deste espaço. Hoje não existe mais devido às péssimas condições estruturais as quais a casa se encontrava. Uma grande temporada de chuva assolou não só o distrito como o município de Ouro Preto, fazendo com que se tomasse a decisão de demolir a edificação para a segurança de todos. Mesmo com

este fato, durante as semanas que antecipam a festa da Lapa, uma mesa é deixada à livre acesso para que os fiéis possam ali deixar seus pertences.

Figuras 7 e 8: Imagens do interior da Casa de Milagres, hoje demolida (2013).



Fonte: YouTube⁸

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BYTosjY7MLA>.

CAPÍTULO 2 – MEMÓRIAS PARA COLECIONAR

“[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade [...]”
(POLLAK, p. 204, 1992)

Partindo da valorização da memória e vivências dos moradores de Ouro Preto, mais especificamente no distrito de Antônio Pereira, tanto em relação a devoção à santa quanto ao espaço que contempla o Monumento Natural Gruta de Nossa Senhora da Lapa, almeja-se ressaltar os laços de identidade criados e fortalecidos nos mesmos ao longo dos mais de 300 anos de história dos relatos de aparição da santa no distrito. Para tal, o uso da história oral – metodologia de pesquisa pautada em entrevistas, no registro de relatos das experiências humanas (FREITAS, p. 18, 2006), do diálogo direto e a proximidade para com esta comunidade foram essenciais para que as trocas acontecessem. Ao longo do último ano (2022/2023), idas ao distrito ocorreram com certa frequência, em especial nos dias 15 de agosto, a fim de presenciar de forma vívida a festa em devoção a Nossa Senhora da Lapa. Vale ressaltar que este trabalho irá tratar dos entrevistados de forma anônima a fim de preservar a imagem dos mesmos.

“A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica.” (FREITAS, p. 50, 2006)

O sociólogo francês, Maurice Halbwachs em sua obra “A Memória Coletiva” (1990) traz contribuições a respeito do conceito de memória coletivo. Inserida em um contexto maior, dentro de um determinado grupo, as memórias individuais tomariam por si certa influência deste meio:

“Desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo e continuamos capazes

de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu".
(HALBWACHS, p.28, 1990)

Analisando por esta ótica, pode-se considerar que os fortes laços criados dentro da comunidade possuem correlação com o fato de pertencerem à um mesmo grupo. Este fato se intensifica quando inserido à um distrito cuja população, em números, é de aproximadamente 5 mil pessoas. Há nessa comunidade considerável número de indivíduos pertencentes a um mesmo vínculo familiar, além do fato de já existir na vizinhança anos de convivência e proximidade uns com os outros. A transmissão de tradições e costumes de geração para geração também acontece com frequência. Como relatado por uma moradora, havia a mobilização das famílias durante toda a novena em devoção a santa, para receberem o grande número de romeiros que em peregrinação chegavam ao distrito vindos das mais diversas regiões, além de todos os preparativos para a procissão⁹ que antecede o dia do festejo. Até mesmo o título de Santuário concedido a então Gruta de Nossa Senhora da Lapa está diretamente associado a relevância em nível popular e peregrinações.

Entrevistado: “Os romeiros vinham a cavalo da Serra, ‘né’, vinham pra cá e aqui tinha uma casa que acolhia o pessoal. Os romeiros faziam festa ‘né’ e a comunidade era pequeninha, a população era pouca ‘né’ pouca gente que morava aqui, aqui era uma comunidade rural aí o pessoal reunia fazia a oração aqui¹⁰ e depois descia pra essa casa onde acontecia as festividades. E era sanfona, e a gente brincava, tinha almoço, janta, tudo pro pessoal”.

⁹ A procissão acontece anualmente nos dias 14 de agosto. Sua rota atravessa o distrito de um lado ao outro, onde a concentração de fiéis se dá em frente à hoje conhecida como Igreja Queimada que em peregrinação seguem até o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, cerca de 1,5km de caminhada.

¹⁰ Se referindo ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa

Figura 9: Distribuição de água benta aos devotos no adro do Santuário.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Michael Pollak destaca a memória como “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento [...]” (POLLAK, p. 9, 1989).

No campo afetivo, a memória atinge outro patamar emocionalmente, sentimentalmente (HALBWACHS, 1990). Tomando os relatos como base, a trajetória de devoção de cada um dos entrevistados precede um sentimento de amor, paixão que consequentemente se torna mais presente, mais viva no interior e nas lembranças destes indivíduos, principalmente no local considerado o templo, onde a conexão entre o espiritual e o terreno, com sua fé se fazem mais vívidas. Ainda neste campo, a construção da questão afetiva ocorrer sem ao menos o indivíduo estar presente em dado evento. Testemunhas e pessoas terceiras se encarregam da função de transmitir o acontecido (HALBWACHS, 1990). Um dos sujeitos entrevistados relatou o comparecimento à festa em comemoração a devoção da santa estando no ventre de sua mãe, além disso o encantamento com o local quando de fato pode presenciar por si, como se ali se criasse um ambiente especial também por

sua forma natural. “Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.” (POLLAK, p. 202, 1992). Há de se evidenciar o primeiro contato dos entrevistados com a devoção ainda na infância, o que é compreensível devido ao tempo e popularidade a esta atribuída.

Entrevistado: “Olha, que eu me lembre desde os meus cinco anos, ‘ne’, que a gente já estava aqui ‘né’, que mãe era moradora e muito devota de Nossa Senhora (...) tudo o que ‘tá’ relacionado a festa, a Nossa Senhora eu lembro da minha mãe, da nossa infância, das reuniões de família”

Figura 10: Recordação pessoal no local de concentração para saída em procissão até o Santuário.



Acervo pessoal, 2006

Importante destacar que para a grande maioria dos entrevistados afirmaram o forte laço envolvendo a devoção e o espaço como fatores de identificação de toda a comunidade.

Entrevistado: “Quando se tem a força da tradição a gente não ‘tá’ rezando sozinho, a gente ‘tá’ rezando com os 300 anos que rezaram antes da gente (...) Se há 300 anos nós celebramos essa festa, não tem como retirar, desassociar a festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa com a identidade do distrito. Mais do que identidade, faz parte da essência do distrito”.

Além do mais, foi relatado a forma como o olhar sobre o distrito se transforma na chegada do mês de agosto. Pela perspectiva da entrevistada, o distrito e seus moradores são vistos por uma ótica de marginalização onde só questões negativas seriam pauta quando o assunto se volta a este território, exceto quando se aproxima a tão popular “Festa da Lapa”, considerada pela mesma como o marco da fé dos habitantes de Antônio Pereira e todos se unem em prol de algo maior. Como se uma luz pairasse sobre este território enquanto no restante dos meses do ano, este voltasse ao esquecimento.

“Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, p. 8, 1990).

Os últimos anos designaram uma imagem tensa sobre este território. A frequente preocupação sobre o rompimento da barragem do Doutor e as possíveis consequências deste acontecimento tiram o sono de muitos moradores. Muitos núcleos familiares foram retirados de seu lar para evitarem qualquer risco iminente de morte. A vida de todo um bairro, o convívio e trocas de anos a fio teve o ciclo encerrado pela ganância. Alvo de noticiários, o distrito também esteve em manchetes sob acusações de garimpo ilegal. A população de Antônio Pereira carrega consigo heranças ancestrais em relação a atividade do garimpo artesanal, cujos utensílios utilizados para tal são completamente manuais.

Entrevistado: “É um momento em que toda a região nos olha com outros olhos porque o Antônio Pereira muitas vezes é manchado, as pessoas associam com coisas muito negativas, mas quando chega agosto parece que some toda essa

imagem (...) Eu acho que Nossa Senhora elevando a imagem do nosso distrito e tirando essa imagem que é muito errônea do distrito.”

Tratando-se de temas sensíveis, estes quando trazidos à tona geram conflitos, discussões, traumas. “Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncio, não ditos” (POLLAK, p. 8, 1990). Neste sentido, o espaço do Santuário de Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira vem dando voz aos movimentos e moradores que estão em constante luta para terem suas reivindicações atendidas. É neste momento que as batalhas particulares se cruzam com a grandeza da fé que cada um destes zela em seu interior.

Figuras 11 e 12: Caminhada dos moradores de Antônio Pereira em manifestação até o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, respectivamente nos anos de 2022 e 2023.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

“Podemos afirmar que as comunidades historicamente subalternizadas têm reconhecido a importância estratégica da memória como instrumento de luta na afirmação de seus valores e suas identidades, bem como na defesa de direitos e na resistência às múltiplas violações a que são submetidas.” (SIQUEIRA, p. 92, 2017)

“Entrevistado: Nós não vivemos sem as histórias ‘né’, e a Gruta é um patrimônio do lugar. É o que leva esse lugar a ser reconhecido porque Antônio Pereira é um lugar ainda muito massacrado ‘né’, podia ser melhor desenvolvido.”

CAPÍTULO 3 – SOB UM NOVO OLHAR

“Os museus estão em constante movimento. Pressionados pelas transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas, os museus estão em mudança.” (CHAGAS, p. 13, 2011)

A partir década de 1960, rompendo com os padrões clássicos e propondo transformações em campo museológico, os preceitos da Nova Museologia passaram a tomar lugar nas discussões sobre o papel do museu no meio social. Esta trajetória teve início quando entre os dias 20 a 31 de maio do ano de 1972, reuniram-se profissionais de museus de países latino-americanos e representantes de campos de interdisciplinares em Santiago, Chile. Promovida pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO) em parceria ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), a Declaração de Santiago surge como consequência e traz algumas resoluções a serem adotadas, dentre elas:

“Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.” (ICOM, 2022)

Este movimento também conhecido como descolonização dos museus, posteriormente, se desdobrou sob realização do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia em Quebec, Canadá na data de outubro de 1984. Com a Declaração de Quebec, tomaram maior proporção conceitos das novas formas museológicas, como: museus comunitários, ecomuseus – conceito que aqui será trabalhado com mais profundidade, além de projetos visando desenvolvimento local. Para além de retomar questões abordadas ainda na Mesa Redonda de Santiago em 1972 com novas perspectivas, a Declaração de Quebec trouxe à tona o fato de que

a Museologia não mais poderia se ocultar um movimento de transformação dentro do campo. Fortalecia-se então uma Museologia ativa e com abertura ao diálogo¹¹.

Figura 13: Grupo participante do I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia em Quebec, Canadá (1984).



Fonte: Cátedra UNESCO.¹²

Vinte anos após a Mesa de Santiago e oito anos após o Ateliê de Quebec, houve em Caracas, no ano de 1992, uma reunião com representantes de 11 países latino-americanos para uma atualização de conceitos associados à Nova Museologia, apurar compromissos estabelecidos durante os dois últimos eventos, além de diagnósticos sobre os museus latino-americanos frente às mudanças de ideais com a proximidade da virada para século XXI. Os desdobramentos desta ficaram conhecidos por Declaração de Caracas.

¹¹ A criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) foi um dos marcos deste evento: “Com base fundamentada na preocupação com a mudança social e cultural, o MINOM reúne indivíduos que se dedicam à museologia ativa e interativa. Está aberto a todas as abordagens que façam do museu um instrumento de construção e desenvolvimento da identidade da comunidade. O MINOM favorece as relações cooperativas entre usuários e profissionais, bem como a colaboração intercultural. O MINOM é uma organização internacional afiliada ao ICOM (Conselho Internacional de Museus)”.

Disponível em: <https://www.minom-portugal.org/sobre/>

¹² Disponível em: https://catedraunesco.ulusoфона.pt/wp-content/uploads/sites/170/2018/12/MINOM-atelier_quebec_1984.png.

“Essencial à Nova Museologia era a interdisciplinaridade que contrariava os saberes isolados e redutores, abrindo novos territórios à reflexão científica, empírica ou mesmo pragmática [...] A ideia de trabalho coletivo integrava-se nesta atitude introduzindo a ideia de que a exposição museológica era, ou deveria ser, antes de mais nada, um processo de formação permanente e não mais objeto de contemplação” (MOUTINHO, p, 27, 1995).

Um panorama mais atual no campo museal traz na nova definição de Museu autenticada durante a Conferência Geral do ICOM em Praga, 2022:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”. (ICOM, 2022)¹³

Ainda há muito caminho a ser percorrido. Porém, não se pode negar os grandes avanços advindos do movimento da Nova Museologia nestes últimos 50 anos desde o evento marco desta transformação museal, já que hoje o que concerne à definição de museu abrange inúmeros termos de relevância para o mesmo. Neste sentido, há de se considerar os conceitos de Ecomuseologia e sua contribuição para uma Museologia de caráter social.

Criada por Hugues de Varine e posteriormente conceituada pelo mesmo e também George Henri Rivière, o termo “ecomuseus” apresenta entre os anos de 1971/1972, um primeiro vislumbre por Rivière a partir da perspectiva de um museu de parque, com tendências naturais e rurais. Já Hugues de Varine advém ao conceito anterior para se referir a um museu como ferramenta de desenvolvimento comunitário, um meio de educação popular e transmissão cultural (VARINE, p. 182, 2012). Foi este o utilizado como embasamento para a criação do Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines em 1974, pioneiro como tal, localizado em Borgonha,

¹³ Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776.

França. Fato é que o envolvimento comunitário é indispensável, visto que são os agentes vivos, atuantes quanto ao que deliberam.

[...] o patrimônio é um recurso essencial e que a cultura é uma dimensão primordial do desenvolvimento e que, portanto, temos necessidade de instrumentos para conhecer e utilizar esse patrimônio, não para o prazer de alguns, mas no interesse de todos. (VARINE, p. 182, 2012)

Neste ponto, essa comunidade, o todo atinge uma função curatorial. Marília Xavier Cury evidencia os “sujeitos dos museus” numa compreensão de que estes “participam da (re) significação do objeto patrimonial e da circulação da significação”. (p. 89, 2009). Ainda sob sua perspectiva:

“Assim, o público é curador também. Somos todos curadores em diferentes posições: pesquisador, museólogo, educador, público. Nosso trabalho, inclusive o do público, é aprender a ser curador, aprender a construir significados desde uma lógica inferencial”. (CURY, p.92, 2009).

O campo museal já previa teorias com o meio social quando ainda em 1980, de acordo com Bruno Brulon (p. 408, 2017), o museólogo tcheco Zbynek Zbyslav Stránský considerou a Museologia como uma ciência que estuda a relação entre o homem e a realidade na qual está inserido. Já em 1990, de acordo com Marília Xavier Cury (p. 272, 2009), a museóloga brasileira Waldisa Rusio Camargo Guarnieri entende por “fato museal” a relação estabelecida entre o homem e o objeto. Cury ainda discorre sobre estas percepções como um ternário: “HOMEM x OBJETO x MUSEU”, além de apresentar um outro ternário, replicado, no qual acolhe melhor o contexto de Nova Museologia: “SOCIEDADE x PATRIMÔNIO x TERRITÓRIO”. Ou conforme Odalice Miranda e Prosti (p. 42, 2013) aponta o ternário estabelecido por Hugues de Varine: “TERRITÓRIO x PATRIMÔNIO x COMUNIDADE”.¹⁴

No Brasil, o movimento dos Ecomuseus e Museus de base comunitária vem se popularizando. O Ecomuseu de Itaipu, localizado em Foz do Iguaçu, foi o pioneiro

¹⁴ Há de se evidenciar uma leve diferença, em um sentido amplo, da palavra “SOCIEDADE” e “COMUNIDADE”. A palavra “comunidade” se encaixa melhor no sentido deste trabalho.

em solo nacional sendo sua criação em 1987. Segundo o Cadastro Nacional de Museus, das 3.700 instituições museais cadastradas, 137 são da tipologia de Museus de Território/Ecomuseu. A região de Ouro Preto, Minas Gerais também foi contemplada quando no ano de 2005 criou-se o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, considerado o primeiro no estado de Minas Gerais. A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC) formada em 2004 impulsionou o movimento comunitário no Brasil, fomentou parcerias e trocas internacionais e ainda auxiliou a elaboração do Estatuto de Museus¹⁵, lei de regulamentação de ações museais no país (SIQUEIRA, p. 92, 2017).

Enfim, eis o cerne desta questão. O distrito de Antônio Pereira possui uma trajetória de base comunitária forte. Foi com interesse no desenvolvimento do coletivo que alguns moradores, como a então Maria de Carvalho Ferreira, popularmente conhecida como Dona Dunga (1937-2016), realizaram ao longo de sua vida ações para que houvesse nesse distrito uma maior valorização quanto ao acesso à cultura e lazer através de atividades que integrassem toda a comunidade. Responsável pela reativação da Associação Musical Nossa Senhora da Lapa em Antônio Pereira em 1999, também lutou para que fosse construída uma sede para esta banda musical onde o espaço seria dividido tanto para eventuais ensaios musicais quanto para uso coletivo, através de oficinas de artesanato e culinária.

Há também a Associação Arte, Mãos e Flores¹⁶ que consiste em um grupo de mulheres do distrito de Antônio Pereira que preservam a tradição do bordado em chitão, seja para fins decorativos ou como acessórios. Ainda no contexto de artesanato têxtil, existe também a Associação de Costureiras do Vale da Benção. A Associação Mãos que brilham¹⁷ composta por mulheres que confeccionam sabão artesanal utilizando óleo de cozinha descartado e a partir da venda garantem suas rendas. Estas ações possibilitam às integrantes uma renda extra, além de reforçar os conhecimentos herdados de geração a geração. O Canal das Moças¹⁸ também é um movimento coletivo em que palestras e oficinas com diversas temáticas, como

¹⁵ Prevê no art. 2º o cumprimento da função social dos museus como um dos seus princípios fundamentais.

¹⁶ Disponível em: <http://institutociarerj.com.br/cases/amf/>

¹⁷ Disponível em: <http://www.minhacasaemmim.com.br/grupo/associacao-maos-que-brilham/>

¹⁸ Disponível em: <https://jornalvoativa.com/noticias/canal-das-mocas-cras-antonio-pereira-apoio-mulheres/>

educação ambiental e artesanato são empregadas.¹⁹ Com o trabalho centralizado às crianças e adolescentes, o Espaço Cultural Casa Escola Jair Afonso Inácio²⁰ é mais uma associação com fins beneficentes.

Figura 14: Estandartes com os nomes das associações do distrito confeccionados em homenagem a Festa da Lapa.



Acervo pessoal, 2022.

“Desenvolvimento local é um processo pelo qual um território detecta e utiliza todos os recursos disponíveis (naturais, humanos, culturais), por meio da mobilização das forças ativas da comunidade.” (VARINE, p. 26, 2014)

Como discorrido no capítulo anterior, o distrito conta também com lideranças na luta pela liberdade e espaço de exercer a atividade de garimpo artesanal. Para este fim, a Associação de Garimpeiros de Antônio Pereira se originou e está à frente de ações e atos neste contexto. Além também da Associação Movimento Antônio Pereira Para Todos (AMAPT). Os mais de 300 anos de história marcaram neste

¹⁹ Vale ressaltar que todas estas associações são formadas por grupos de mulheres. Há em Antônio Pereira uma potente liderança feminina.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064958701237&mibextid=ZbWKwL>.

território e nas pessoas que por ali habitaram uma trajetória de muita luta, mas de anseio por melhorias. A comunidade de Antônio Pereira encontra aconchego neste lugar. Como popularmente conhecido no meio cristão/católico, igrejas e templos de devoção Mariana tem significado, é a casa da mãe. É ali que depositam as suas súplicas. Os saberes e fazeres artesanais, os conhecimentos sempre estiveram presentes e foram assim transmitidos aos contemporâneos, e inerente a isso um senso de pertencimento e identidade pela devoção religiosa por Nossa Senhora da Conceição da Lapa, o todo assim acaba se caracterizando como patrimônio local.

Figura 15: Grupo de garimpeiros na entrada para a Gruta de Nossa Senhora da Lapa (1937).



Fonte desconhecida.

Com todos estes fatos, os ideais da Nova Museologia e seu caráter social junta-se a proposta de criação do “Ecomuseu da Lapa” como uma tentativa de potencializar toda esta força e intensificar o tom de coletividade para proporcionar ao distrito maior desenvolvimento, seja ele em âmbito social, cultural, econômico, entre outros. Cercados pela mineração predatória e pela indiferença política que os causa tanto danos físicos quanto psicológicos, centralizar em um ponto geográfico de tamanha importância para a história da comunidade um espaço de escuta, seria abrir portas para um caminho de valorização da identidade e das memórias dos mesmos.

Contando não somente com os bens patrimoniais no âmbito cultural e religioso, mas também no âmbito ambiental devido elevação do perímetro natural que cerca a gruta a uma UPI, requerendo a este local muito mais zelo e conservação, tudo isto perante lei.

O Santuário, em si, consiste em um grande espaço para a recepção de todos os devotos visto o pouco espaço dentro da gruta. Este então poderia ser utilizado para fins comunitários, como por exemplo: oficinas de artesanato, rodas de conversa, eventuais reuniões junto à comunidade para ofertar melhorias ao local, reverberando ali um espaço de convivência e diálogo. Reforçar discursos de educação ambiental e patrimonial, principalmente ali, pode revolucionar a perspectiva de muitos sobre a importância de se conservar os bens em comum, seja no tangível ou no intangível. Como discorrido por Siqueira (p. 93, 2017): “[...] ensino e memória podem caminhar juntos na produção de conhecimentos locais que incidam favoravelmente nos movimentos sociais de resistência, nos territórios de maior vulnerabilidade e sob constante insegurança e ameaça de remoções e outras violações de direitos”. Mas para que isso aconteça, o primeiro passo seria introduzir a esta comunidade conceitos básicos e explicações claras – fugindo do academicismo – para integrá-los sobre o tema, até porque um Ecomuseu ou um Museu Comunitário não existe e muito menos se faz sem a participação ativa e cooperação dentro da comunidade.

Estrategicamente, ter neste ponto um espaço para destinação de um Ecomuseu traria contribuições ao turismo local. O Santuário de Nossa Senhora da Lapa e mais precisamente a gruta são um dos lugares mais solicitados turisticamente dentro do distrito. Neste espaço o conhecimento, os relatos da comunidade sobre a rica história deste distrito poderiam ser transmitidos como uma oposição ao esquecimento e enfraquecimento das memórias deste coletivo. Seriam eles os guardiões e mediadores das memórias. E além do mais, os produtos confeccionados poderiam entrar em comercialização para assim assegurar uma nova fonte renda e um retorno ao esforço de mãos tão dedicadas. Outro fator que pode impulsionar o progresso desta proposta seria a proximidade e um maior contato com o movimento de moradores Ecomuseu da Serra de Ouro Preto para entender, estudar e se inspirar nos processos de desenvolvimento do mesmo, aplicando e resignificando medidas que melhor os atendam.

As ações aqui exemplificadas são apenas um esboço do cenário atual do local. Há de se ressaltar que cada instituição voltada não só a Ecomuseus mas a instituições

museais em geral, operam conforme sua realidade e necessidade. Segundo Varine (p, 184, 2012): “Esses museus, ou ecomuseus, são todos diferentes uns dos outros, não somente pela natureza de seu patrimônio e de sua comunidade, mas pela história de seu processo. É assim absurdo querer submetê-los a normas e etiquetas”. E quanto a Ecomuseus, está só vai de fato continuar até o momento em que a própria comunidade, como toda e qualquer neste mundo que se transforma, onde percepções se alteram, se houver ali o anseio pela reformulação dos interesses em comum. Caso contrário, esta chega ao fim.

“Enfim, o museu comunitário pode morrer: ele corresponde com efeito a um momento na vida da comunidade, quando esta tem necessidade desse instrumento para existir a seus próprios olhos, para pacificar as relações entre seus diferentes componentes, para mobilizar os cidadãos-atores em torno de um projeto de desenvolvimento, para revelar a si mesma sua identidade através da diversidade de seu patrimônio, para se fazer conhecer no exterior, etc. Uma vez atingido o objetivo inicial, ao menos parcialmente, as diferentes consequências secundárias digeridas, o museu vai perder progressivamente sua utilidade, ao menos para a comunidade” (VARINE, p. 195, 2012).

CONCLUSÃO

A compreensão de que um território é um organismo vivo, capaz de produzir e receber traços identitários e significados reitera a dinamicidade do coletivo que ali habita. O reconhecimento, seja ele em qualquer âmbito, apenas acontece se há um grupo que estabeleça nele uma atribuição de valor, no caso deste trabalho mesmo havendo grande apelo ao valor histórico por toda a trajetória de ocupação e tradição do distrito pelos últimos 300 anos, valor o simbólico é o mais gritante. Simbólico por tudo o que representa escolher ter fé e confiar estando em um “terreno abandonado”. Abandonado por ser um distrito que tanto contribuiu e ainda continua contribuindo para a receita do município de Ouro Preto, pelas manchas sociais que o assola, por ser tão explorado e receber tão pouco ou quase nada em troca. A verdade é que o distrito ainda não foi entregue às mãos de mineradoras, ainda, porque há ali um povo que resiste e não desiste de fazer deste território um lugar melhor, seja para seu próprio bem-estar ou para o dos próximos que ainda virão.

O objetivo deste trabalho era evidenciar as memórias desta comunidade e a partir deste resultado apenas confirmar o que já seria imaginado, a riqueza e o carinho com que estes guardam suas lembranças sobre a devoção e ao território que concerne ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa – incluindo a Gruta. E além disso, reiterar a necessidade de se conservar este território que carrega em si tamanha importância, no que tange o material e imaterial. Utilizar das memórias e afetos como meio para salvaguardar os bens materiais é uma via de mão dupla. Como meio para tal, a musealização pela Ecomuseologia mostrou-se ideal, visto seu caráter social e compromisso com o coletivo já que as ações de base comunitária são tão presentes no distrito. Este trabalho serviu para demonstrar o quão possível e, talvez – pois dependeria da própria comunidade –, palpável é a criação de um Ecomuseu neste lugar. Vale ressaltar que este trabalho pode se desdobrar futuramente, caso introduzido, aceito e aperfeiçoado pela comunidade local, para descrever uma possível implantação do mesmo.

A Museologia mostra aí a sua grandeza quando também em um movimento de resistência passa a integrar a diversidade como pauta, não só de suas ações como de suas estruturas. Quebrando com padrões pôde então trazer à tona os conhecimentos silenciados, os saberes e fazeres menosprezados, o entendimento que as pessoas e o que elas carregam é passível de ser patrimônio. Um patrimônio que vem delas em forma de artesanato tradicional em chitão, ou como um relato de lembrança gratificante, ou como a prática de uso de uma bateia.

O futuro da Museologia é o diálogo e principalmente a integração.

“A Museologia está se ‘libertando’ dos museus tradicionais e, com isto, ampliando a concepção de cenário e da ideia do que seja museu. Com isto, outras transformações são possíveis, a própria Museologia se transformando e se construindo de uma forma dinâmica e acadêmica.” (CURY, p. 278, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acto Religioso. Diário de Minas, Minas Gerais, 1867, Edição 00208. Anuncios.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/376523/817>

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. Requerimento dos devotos da Senhora da Conceição da Lapa, solicitando a D. José I à mercê de autorizar que um ou dois ermitões pudessem pedir esmolas na Capitania de Minas Gerais, em benefício da sua Irmandade, 1771. Disponível em:

<https://digitarq.ahu.arquivos.pt/DetailsForm.aspx?id=1294632>

BUARQUE, Virgínia. **Memoriais da Fé: As comunidades da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Mariana (séculos XVIII – XXI)** / Virgínia Buarque / Mariana, MG: D. Viçoso, 2013.

BRASIL. Lei N° 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009.

BRULON, B. **A INVENÇÃO DO ECOMUSEU: O CASO DO ÉCOMUSÉE DU CREUSOT MONTCEAU-LES-MINES E A PRÁTICA DA MUSEOLOGIA EXPERIMENTAL**. Mana, v. 21, n. 2, p. 267–295, ago. 2015.

_____. **Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 403-425, 2017. DOI: 10.1590/1982-02672017v25n0114. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/139685>.

CHAGAS, M. S. **Museu e Literatura: Fragmentos, cacos, restos, vestígios**. Suplemento Literário de Minas Gerais – A Literatura vai aos Museus. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 2011.

Christina Tárzia. A Lapa. Vila Rica: O Jornal dos ouro-pretanos. Ouro Preto, 25 de novembro de 2010, n° 189.

_____. O Pereira. Vila Rica: O Jornal dos ouro-pretanos. Ouro Preto, 23 de junho de 2005, n° 135.

CURY, Marília Xavier. **Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus**. 2009, Anais.. Porto: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009. p. 270-279.

_____, Marília Xavier. **O sujeito do museu**. MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 4, p. 86-97, 2009.

Dados básicos de processo. Agência Nacional de Mineração (ANM). Disponível em: <https://sistemas.anm.gov.br/SCM/Extra/site/admin/dadosProcesso.aspx>.

Da Silva Gonçalves Ferreira, D. et al. **Antônio Pereira: na visão dos jovens que fazem a diferença**. Projeto Jovens de Ouro e Terezinha Lobo Leite.

DE SIQUEIRA, Juliana Maria. **Museologia social e educação: o poder da memória para descolonizar o ensino**. Revista Fórum Identidades, 2017.

Denúncia: Mapa de servidão mineral compromete parque ecológico da Gruta da Lapa em Antônio Pereira. Real FM, 23 de setembro de 2021. Disponível em: <http://www.real.fm.br/noticia/1572/denuncia-mapa-de-servidao-mineral-compromete-parque-ecologico-da-gruta-da-lapa-em-antonio-pereira>.

FERREIRA, D. da S. **Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica**. Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 9, n. 17 Abr., p. 111–135, 2014. DOI: 10.14393/RCT91719883. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/19883>

Festejo Religioso. Liberal Mineiro, Minas Gerais, 1884, Edição 00081. Anuncios. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/248240/1697>

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** / Sônia Maria de Freitas. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAS, Raquel; FALABELA, Camila. Polícia Federal fecha garimpo ilegal de ouro na cidade histórica de Ouro Preto; FOTOS. G1. Belo Horizonte, 11 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/05/11/policia-federal-fecha-garimpo-ilegal-de-ouro-na-cidade-historica-de-ouro-preto-fotos.ghtml>.

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, v. 21, n. 1, p. 19-29, 2017.

GARIMPEIROS E MORADORES DE ANTÔNIO PEREIRA MANIFESTAM NO CENTRO DE OURO PRETO. Jornal O Liberal, Ouro Preto, 4 de agosto de 2021. Disponível em: <https://site.jornaloliberal.net/noticia/4948/garimpeiros-e-moradores-de-antonio-pereira-manifestam-no-centro-de-ouro-preto/>

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus & Programa Ibermuseus. **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972**. Nascimento Junior, José do; Trampe, Alan; Santos, Paula Assunção dos (orgs). Brasília: Ministério da Cultura, Ibermuseus, 2012a.

Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção da Lapa de Antônio Pereira. A União: Órgão do Partido Conservador, Minas Gerais, 1887, Edição 00094. Anuncios. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/714640/346>

MARANHÃO, C. M. S. de A.; SILVA, G. L. da. **No garimpo sou mestre: os impactos da queda da Barragem de Fundão e o trabalho dos garimpeiros em Antônio Pereira (MG)**. REUNA, Belo Horizonte, v. 26, n. 4, p. 62-85, 2021. Disponível em: <https://revistas.una.br/reuna/article/view/1284>.

MENDES, C. A.; SILVA, C. F. A.; MACHADO, H. A. **Caracterização e análise de impactos ambientais causados pelo espeleoturismo religioso na gruta da Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em Ouro Preto - MG**. Geografia Ensino & Pesquisa, [S. l.], v. 24, p. e51, 2020. DOI: 10.5902/2236499440972. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/40972>

Museusbr: Rede Nacional de Identificação de Museus. Museus Cultura, 2013. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/>.

MOUTINHO, Mario Canova. A Declaração de Quebec de 1984. In: ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A memória do pensamento museológico contemporâneo – Documentos e Depoimentos, Comitê Brasileiro do ICOM, 1995: 26.

Nova definição de Museus. ICOM, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776.

OURO PRETO. Lei N° 695, de 12 de setembro de 2011. Define como Unidade de Proteção Integral na categoria Monumento Natural Municipal a área da Gruta da Nossa Senhora da Lapa. Ouro Preto, MG: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

OURO PRETO. Lei N° 923, de 16 de outubro de 2014. Altera a redação do art. 2° da Lei n° 695, de setembro de 2011, a qual define como Unidade de Proteção Integral na categoria Monumento Natural Municipal a área da Gruta da Nossa Senhora da Lapa, para fixar objetivos da unidade de conservação. Ouro Preto, MG: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

OURO PRETO. Lei N° 3.799, de 16 de agosto de 1889. Autoriza a despesa de 1:000\$ com os consertos da Capela de Antonio Pereira, município de Ouro Preto, e a de 2:000\$ com os da Capela de São José da Capital. Ouro Preto, MG: Assembleia Legislativa Provincial. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras_docs/photo.php?lid=76809

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Nascer. Pessoas atingidas identificam e discutem danos causados pela Vale em Antônio Pereira. Instituto Guaicuy, 19 de maio de 2023. Disponível em: <https://guaicuy.org.br/danos-causados-pela-vale-em-antonio-pereira/>.

PRIOSTI, Odalice Miranda; PRIOSTI, Walter. **Ecomuseu, memória e comunidade: museologia da libertação e piracema cultural no Ecomuseu de Santa Cruz**. Rio de Janeiro: Camelo Comunicação, 2013.

SAQUET, Marco Aurélio. **Território e Identidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo, 2005.

TERRITÓRIOS evacuados. VALE. Disponível em:
<https://www.vale.com/pt/web/esg/territorios-evacuados>.

VARINE, H de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

_____. **O museu comunitário como processo continuado**. Revista Cadernos do Ceom, v. 27, n. 41, p. 25-35, 2014.